

Evento: XXVII Seminário de Iniciação Científica

AUTISMO: OLHARES CONTEMPORÂNEOS.¹ **AUTISM: CONTEMPORARY LIGHTS**

Fernanda Da Silva Fernandes², Franciele Laís Rodrigues Cenário³, Ângela Maria Schneider Drügg⁴

¹ Pesquisa desenvolvida no componente curricular Estágio Básico I do Curso de Psicologia, UNIJUI, durante o primeiro semestre de 2019.

² Aluna do Curso de Psicologia.

³ Aluna do Curso de Psicologia.

⁴ Docente do Curso de Psicologia, orientadora do trabalho.

Introdução.

Durante o Estágio Básico I do Curso de Psicologia realizado no Grupo Terapêutico Brincando no CAPSi (Centro de Atenção Psicossocial Infantil), dentre as patologias apresentadas, se destacou o Transtorno do Espectro Autista (TEA), que tem se mostrado significativo quantitativamente tanto na Instituição como de maneira geral na sociedade.

O Autismo Infantil, conforme Jardim (2001), foi inicialmente denominado por Kanner de Distúrbio Autístico do Contato Afetivo, como uma condição com características comportamentais bastante específicas, tais como: perturbações das relações afetivas com o meio, solidão autística extrema, inabilidade no uso da linguagem para comunicação, presença de boas potencialidades cognitivas, aspecto físico aparentemente, normal, comportamentos ritualísticos, início precoce e incidência predominante no sexo masculino.

Desde então surgiram muitas formas de descrever e classificar o Autismo. Na última revisão do DSM-V, o Transtorno do Espectro Autista (TEA) engloba diferentes condições marcadas por déficits persistentes que trazem prejuízos na comunicação social e na interação social e também por alterações na reciprocidade socioemocional. Os autistas apresentam dificuldade para desenvolver, manter e compreender relacionamentos, como também a presença de padrões de comportamento estereotipados ou repetitivos. Sendo, o autismo especificado como: com ou sem comprometimento intelectual concomitante e com ou sem comprometimento da linguagem concomitante

Metodologia.

Trata-se de Pesquisa Bibliográfica com uma abordagem exploratória com a finalidade de aumentar nosso conhecimento sobre a temática do autismo especificamente sobre a leitura psicanalítica. O estudo desenvolveu-se a partir do estabelecimento da distinção entre autismo e psicose na infância, para posteriormente focar a questão das falhas nas redes de linguagem dos autistas.

Resultado e discussões.

Ao abordar a temática do autismo, a psicanalista Bernardino (2011), concebe-o como uma

Evento: XXVII Seminário de Iniciação Científica

síndrome, cuja particularidade evidencia uma lógica que elimina qualquer dimensão de aquisições adaptativas, ou seja, o sujeito encontra dificuldades nas atividades rotineiras ou que exige uma postura, um padrão, sendo caracterizada por déficits significativos em varias áreas do desenvolvimento, especialmente na comunicação. Neste sentido apresenta-se um grande impasse no processo de constituição psíquica desses sujeitos, onde as descobertas próprias da infância, por exemplo, não são divididas nem mesmo com seus próprios familiares, pois a comunicação tem desenvolvimento tardio onde a fala muitas vezes apresenta-se em eco. Outro aspecto que se destaca é que o sujeito autista vive em um mundo próprio, se sentindo mais seguro e confortável consigo mesmo.

Na mesma direção, quando relaciona o autismo com uma falha na constituição subjetiva, Kupfer (2000) atribui a causa da síndrome à uma falha na função materna, distinguindo-o da psicose, na qual haveria também uma falha, mas na função paterna. Nesta perspectiva, a falha na função materna resulta em grandes impactos tanto na constituição do mapa libidinal quanto em uma ausência de desejos na função materna. Outra diferença entre autismo e psicose apresentada pela autora é que enquanto o autista está fora do campo da linguagem, o psicótico mesmo que fora do discurso está incluso nesse campo. A função materna é referida como primordial na estruturação do sujeito. A mãe é quem cede lugar no seu desejo ao bebê, supondo um sujeito ideal. A função paterna é à qual cabe mediar a relação desejante entre mãe e bebê, barra não somente o desejo materno sobre o bebê, mas também, barra o bebê como único objeto de desejo de uma mãe. Função paterna traz consigo a Lei.

Ainda seguindo nessa perspectiva da diferença entre Autismo e Psicose, Jerusalinsky (1993) propõe que se entenda o autismo como uma quarta estrutura, ao lado da psicose, perversão e neurose. Afirma que na psicose há a inscrição do discurso materno, numa posição que não traz consequências na função significante, pois a função paterna encontra-se forcluída. Já no autismo não há inscrição da função materna e no lugar em que deveria haver a inscrição da função paterna, há somente o real. Psicanalistas que vêm se aprofundando na tentativa de distinção entre esses dois quadros, em vista da revisão de um caso de Melanie Klein, concluem que um de seus pacientes que na época recebeu diagnóstico de esquizofrenia, atualmente seria diagnosticado como autista.

Jardim (2001), completando esta perspectiva, frisa que o fracasso da inscrição da função materna impede que a criança organize um circuito pulsional a partir da imagem do próprio corpo, já que não há um Outro que interprete seus ruídos e gritos.

Já nas psicoses, o impasse está na separação dos significantes maternos, em que a criança se aliena ao discurso deste Outro, sem poder ocupar um lugar no discurso próprio. Lacan (1955-1956) afirma que “o psicótico fala a língua materna”, a criança empresta o corpo a este Outro, onde a função paterna parece não fazer o corte, sua entrada nesta relação parece estar anulada.

No que concerne o autismo Laznik (1991), afirma que o bebê fica retido em seu próprio corpo, em que a função materna não deixa suas marcas, assim, o acesso ao primeiro significante fica impedido, impossibilitando a formação de uma cadeia discursiva.

Entendendo o autismo como uma falha nas redes de linguagem, Kupfer (1999) faz uma comparação entre dois pontos de vistas que podem aparecer dentro da psicanálise diante de uma

Evento: XXVII Seminário de Iniciação Científica

mesma cena, cena em que o autista balança a cabeça repetidamente. Do ponto de vista do psicanalista “tustiniano” se dirá que é um sujeito dizendo “não”, que se recusa a entrar no mundo humano, já o “lacaniano” interpretará como um velho automatismo que está instalado, mas que não significa coisa alguma.

Maleval (2007) explica que, no autismo não se trata de falar ou não falar, mas do quanto o sujeito está implicado em sua fala, ou seja, o quanto seu dizer fala de si. Neste sentido a falta da enunciação autista não se dá pela sonoridade da voz e sim pela enunciação enquanto objeto pulsional, ressaltando a importância do sujeito conseguir um lugar em seu próprio discurso.

Catão (2009) afirma que o estabelecimento da voz como objeto pulsional é fundamental na relação da criança com o som, retratando no fragmento que “Quando algo não funciona no estabelecimento do laço, resta à tentativa de tapar os ouvidos ao que não pode passar á voz, permanecendo, então como barulho. Embora não escute, a criança autista não é surda”. (IBID, p. 113).

Laznik e outros (2006) mostram em um estudo sobre a voz e os sinais precoces do autismo, a importância da prosódia, própria ao manhês, para a pulsionalização do ato de escuta do bebê e, inclusive, para sustentar uma “protoconversa” com o cuidador. Já Julieta Jerusalinsky (2011) destaca que a musicalidade presente na voz materna, os picos prosódicos, produzem erotização no ato da escuta e da fonação, logo “o bebê, se efetivamente convocado por esta voz, dirige o seu olhar à mãe, respondendo com uma excitação psicomotora ampla”. (IBID.p.68).

Por fim, Jardim (2001) afirma que, entender a relação de linguagem como uma relação do bebê com a mãe, nos permite estabelecer outra relação, que é a relação primordial do sujeito com a função materna. Desse modo, conclui-se que a linguagem está ligada diretamente com a constituição do sujeito, e entender esta constituição, e suas falhas, permite que se entenda tanto o autismo quanto a psicose, e conseqüentemente, o que as difere.

Considerações finais.

O Autismo nos estudos psicopatológicos é um transtorno consideravelmente novo, sua descrição é recente, o que acaba gerando como consequência um não consenso sobre sua origem, seus sintomas e tratamentos. Durante a pesquisa vimos que sobre o Autismo há diversos pontos de vista, alguns que já foram anulados, outros que ainda estão sendo aprofundados e outros que provavelmente ainda surgirão.

A psicanálise mostra sua importância no aprofundamento dos estudos, tendo em vista que busca explicar questões que envolvem a constituição do sujeito, tais como: A falha na função materna e o fracasso na construção das redes de linguagem. É de suma importância compreender a distinção entre autismo e psicose, já que uma condiz à uma falha na função materna e a outra na função paterna, o que indica ao clínico por qual direção deverá conduzir o tratamento.

Por fim, foi possível verificar em nossa pesquisa que o autismo tem tomado grandes proporções no âmbito de pesquisas, o que é muito importante por ser um transtorno que cresce e aparece cada vez mais nas redes de saúde pública

Palavras-chave: Autismo, Função materna, Linguagem, Distinção entre Autismo e Psicose,

Evento: XXVII Seminário de Iniciação Científica

Psicanálise.

Referências.

- Bernardino, L. M. F. (2011). A questão da psicose da infância, seu diagnóstico e tratamento frente ao seu “desaparecimento” da nosografia atual.
- Catão, I. (2009). O bebê nasce pela boca: voz, sujeito e clínica do autismo. São Paulo, SP: Instituto Langage.
- DSM-V (2013). Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais.
- Jardim, G. (2001). Psicoses e autismo na infância: Impasses na constituição do sujeito. Disponível na revista Estilos da Clínica, vol. 6. São Paulo.
- Jerusalinsky, A. (1993). Psicanálise do autismo. Porto Alegre, Artes Médicas
- Jerusalinsky, J. (2011). A criação da criança: brincar, gozo e fala entre a mãe e o bebê. Salvador, BA: Ágalma
- Kupfer, M.C. (1999) Psicose e autismo na infância: Problemas diagnósticos. Disponível na Revista Estilos da Clínica, São Paulo.
- Lacan, J. (1955-1956). O seminário, Livro III, As psicoses. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992, 2ª ed. Rev.
- Lacan, J. (1969). Duas notas sobre a criança. Ornicar? Revista do Campo Freudiano, 1986.
- Laznik, M.-C., Maestro, S., Muratori, F., & Parlato-Oliveira, E. (2006). Interações sonoras entre bebês que se tornaram autistas e seus pais. s. In L. M. F. Bernardino (Org.), O que a psicanálise pode nos ensinar sobre a criança, sujeito em constituição. São Paulo: Escuta
- Maleval, J.-C. (2007). Sobretudo verbosos os autistas. Latusa: objetos soletrados no corpo, 12, 69-91.